

AS ESCOLHAS DISCURSIVAS NA PRODUÇÃO ESCRITA DE UM SUJEITO-CRIANÇA: SUBJETIVIDADE, GÊNERO E *ETHOS*.

Maria Angélica Lopes da Costa Almeida*

Resumo: Neste trabalho, pretendo mostrar que a criança, ao fazer escolhas identificáveis em seu texto, demonstra capacidade de assumir atitude responsiva ativa em certas situações de enunciação. A atitude responsiva ativa é, para Bakhtin ([1979]/2003), o que coloca o sujeito numa ativa posição discursiva, tornando-o capaz de concordar, discordar, completar e aplicar os elementos linguísticos da comunicação discursiva, ocorrendo durante todo o processo de compreensão linguística. É importante ressaltar que essa atitude responsiva é determinada pelas condições de produção e revela o lugar que o *ethos* ocupa no discurso. Na busca dessa atitude responsiva ativa, deparamo-nos com os conceitos de escolhas discursivas, subjetividade e gênero propostos por Bakhtin e complementados por autores como: Benveniste, Possenti, Foucault e outros. Além disso, abordamos a noção de *ethos* postulada por Maingueneau (1993/1995), pois entendemos que, por estar vinculado ao exercício da palavra, o *ethos* pode se conciliar com a noção de sujeito-ativo de Bakhtin. A pesquisa seguirá os moldes do paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1986), que consiste em analisar o objeto de pesquisa seguindo os indícios dos pormenores que constituem o quadro representativo das hipóteses a serem verificadas. O *corpus* da pesquisa é um recorte da produção escrita de um sujeito em fase de escolarização, abrangendo a 1ª e a 2ª séries do ensino fundamental.

Palavras-chave: Escolhas Discursivas. Atitude Responsiva. Subjetividade. *Ethos*.

Abstract: Through this paper I intend to show that whenever the child makes recognizable choices he assumes an “active responsive attitude” in certain enunciative situations. According to Bakhtin ([1979] 2003), this “responsive attitude” takes place in the course of linguistic comprehension process and it places the individual in an active discursive position which makes the individual able to agree, disagree, complete and apply linguistic elements of discursive communication. It’s important to say that this “responsive attitude” is determined by the conditions of production and it reveals the place that “ethos” occupies in discourse. In search of such a “responsive attitude”, this dissertation follows Bakhtin’s ideas on discursive choices, subjectivity and genders together with Benveniste, Possenti, Foucault and some other authors. Besides, we follow Maingueneau’s (1993/1995) conceptions on “ethos”. We think that the idea of “ethos” may be linked to Bakhtin’s concept on the “active subject”. This research follows the indiciary paradigm proposed by Ginzburg (1986); this paradigm is based on the analysis of details which will establish main hypotheses to be found out inside the corpus. The corpus of the research is a “cutting” of the written production of a child beginning elementary school, including the first and second grades.

Keywords: Discursive Choices. *Ethos*. Responsive attitude.

* CCHN/PPGEL – Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – Vitória – ES – Brasil. marialcalmeida@yahoo.com.br. Orientação: Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon.

Introdução

Em “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, capítulo final da *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin ([1979] 2003, p. 307) afirma: “Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento [...] Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida”. O texto, portanto, para Bakhtin é o objeto privilegiado das ciências humanas, principalmente porque ele “é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências)”. As ciências humanas interessam-se pelo homem, mas para Bakhtin esse homem tem que ser o produtor de texto, pois é através do texto que ele se revela, se constrói e é conhecido. Todo texto expressa uma subjetividade, porém essa subjetividade só acontece diante de um outro necessário sujeito produzido na cadeia dialógica da linguagem.

Segundo Bakhtin (2003, p. 395) “o ser da expressão é bilateral; só se realiza na interação de duas consciências (a do eu e a do outro)”. Ao dizer que o ser da expressão deve ser o objeto das ciências humanas, Bakhtin aponta para o movimento dialógico inerente a toda compreensão responsiva. Por concordarmos com Bakhtin de que essa compreensão ou atitude responsiva forma-se durante todo o processo de compreensão linguística, é que elegemos o texto escrito infantil como objeto desse trabalho, cuja hipótese é que a criança, mesmo no início de sua produção textual, faz escolhas, assumindo, assim, uma atitude responsiva ativa na enunciação. Em outras palavras, o que pretendemos é refletir sobre o lugar do sujeito na escrita infantil, tendo como base as idéias de Bakhtin sobre dialogismo, subjetividade e intuito discursivo¹.

Metodologia

Para Bakhtin ([1979] 2003 p. 308), “o pensamento das ciências humanas nasce como pensamento sobre pensamentos dos outros, sobre exposições de vontades, manifestações, expressões [...]”, logo, é preciso que o pesquisador busque um interlocutor que com ele dialogue e torne possível a validação do que está sendo proposto. Essa construção do pensamento sobre pensamentos dos outros nos levou a seguir, em parte, a mesma linha de pesquisa que Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson desenvolveram a partir de 1992, no âmbito

¹ Bakhtin (2003) usa os termos *intuito discursivo*, *querer-dizer* e *vontade discursiva* como sinônimos. Procederemos da mesma forma nesta pesquisa.

do Projeto Integrado de Pesquisa intitulado “A relevância teórica dos dados singulares² na aquisição da linguagem escrita”, no Instituto de Estudos da Linguagem / Unicamp. As pesquisadoras partiram de uma concepção sócio-histórica de linguagem em que tem lugar a interação e de onde podemos revelar traços de subjetividade provenientes do trabalho que os sujeitos operam sobre/na linguagem. Por ser uma investigação de caráter qualitativo, as pesquisadoras optaram pelo método indiciário com o objetivo de buscar, nos eventos singulares de escrita, indícios da relação do sujeito com a linguagem. Para isso, elas se colocaram como caçadoras em busca de pistas que fornecessem elementos indispensáveis à investigação. Segundo Ginzburg (1986), “por trás desse paradigma indiciário ou divinatório, entrevê-se o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa”. Logo, o caçador é uma metáfora criada por Ginzburg para se referir à atitude do pesquisador que se propõe seguir um modelo epistemológico fundado no detalhe, no resíduo, no singular, ou seja, o paradigma indiciário de investigação. Assim, esse autor faz a analogia do paradigma indiciário com a metáfora do caçador:

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas (GINZBURG, 1986).

E o homem continua a ser caçador. E como caçadores pretendemos escutar a produção escrita de um sujeito-criança, em busca de pistas que forneçam dados que qualifiquem este trabalho como um construtor de conhecimentos, um criador de sentidos. A busca desses dados se apóia na hipótese de que a criança, enquanto sujeito de linguagem, possui um querer-dizer que se revela discursivamente em seus textos. Para refletir e discutir tal questão, seguimos os moldes da pesquisa indiciária arquitetada por Ginzburg (1986). Nessa metodologia, os dados são indícios para a formulação de hipótese; e é através desses indícios que tentaremos identificar as marcas que revelam o trabalho do sujeito com a linguagem.

² “Um dado classificado como singular é o dado que revela, que constitui um indício ou sintoma, que permite formular hipóteses interessantes para aspectos da realidade que não são captados diretamente” (ABAURRE et al, 2003, notas, p. 159).

Escolha do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é constituído da produção escrita de AL, residente no município de Nova Venécia, no norte do Estado do Espírito Santo. AL estuda em uma escola da rede particular nesse município e é filha de pais escolarizados. Baseados em um primeiro olhar, percebemos que AL se interessa pela leitura e pela produção de textos e demonstra imensa responsabilidade pelas atividades escolares.

A escolha desse *corpus* se deve a duas razões: por ser filha de uma prima da pesquisadora, as possibilidades de integração entre a pesquisadora e AL, sujeito-objeto da pesquisa, estavam muito presentes, o que facilitaria o acesso aos dados; além disso, esses dados já estavam coletados, uma vez que a mãe sempre cuidou para preservar toda a escrita de AL desde a pré-escola.

O *corpus* selecionado para análise abrange as atividades escolares realizadas pelo sujeito-criança, AL, ao longo das 1ª e 2ª séries do ensino fundamental. Os textos selecionados seguem uma ordem de ocorrência dentro de cada disciplina em que foram propostos. As disciplinas que integram o currículo escolar pertencem ao gênero escolar que agrega um conjunto de outros gêneros e é representado no corpus dessa pesquisa pelos seguintes elementos: agenda escolar (calendário, horário, cronograma de provas e trabalhos, circulares de reuniões, lembretes, comunicações, tarefas de casa, bilhetes, autorizações); cadernos e livros de Português, História, Matemática, Geografia, Ciências, Inglês; arquivo das avaliações; ficha de avaliação; caderno de desenhos, recortes e colagens; produções textuais (narrativas, cartas, descrições, poemas, bilhetes) e produção literária (livros produzidos por AL). Embora esse corpus seja composto dessa diversidade de gêneros, selecionamos, para análise, somente alguns textos, por apresentarem dados que nos chamam a atenção pela singularidade, permitindo que visualizemos melhor a possível relação do sujeito com a linguagem.

Bakhtin: o eu e o outro em relação responsiva:

O papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande, como já sabemos. Já dissemos que esses outros, para os quais o meu pensamento pela primeira vez se torna um pensamento real (e deste modo também para mim mesmo), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação discursiva. Desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta (BAKHTIN, 2003, p. 301).

No encontro dessa resposta, encontramos Mikhail Bakhtin, teórico da linguagem que, com seu diálogo entre as muitas outras vozes da literatura, da psicologia, da história, da antropologia, da sociologia e da própria linguística, revolucionou o mundo das ciências humanas com temas polêmicos que atravessaram o século XX e instalaram-se como atuais e permanentes neste início do século XXI. Segundo Barros (2003), as principais orientações da linguística moderna: enunciação, interação verbal, relações entre linguagem, sociedade e história e entre linguagem e ideologia vêm das reflexões de Bakhtin. Ainda citando Barros (2005, p. 25)³, “Bakhtin influenciou ou antecipou as principais orientações teóricas dos estudos sobre o texto”.

Para Bakhtin, o enunciado é o objeto dos estudos da linguagem e é no próprio enunciado que as concepções de mundo, de vida e de linguagem se revelam e dão sentido ao discurso. A esse processo, Bakhtin chama de Dialogismo.

Segundo Faraco (2006, p. 58), em virtude das muitas significações sociais que a palavra diálogo agrega, o conceito de dialogismo bakhtiniano corre o risco de ser afetado em sua recepção. Para ele, diálogo pode representar a conversa entre personagens nas narrativas; ou uma sequência de fala de personagens em texto dramático e, ainda, a evolução de uma conversa em interação face-a-face. Porém, diálogo nesses termos, ou seja, no sentido estrito do termo não interessa para Bakhtin; o que lhe interessa é o dialogismo constituído pelas relações dialógicas “mais amplas, mais variadas, mais complexas”. O próprio Bakhtin, ainda segundo Faraco, critica o reducionismo, praticado por alguns, do termo dialogismo; e, ainda alerta para a confusão que se faz entre relações dialógicas com o diálogo face-a-face, a discussão ou a polêmica.

De acordo com Bakhtin ([1929] 1992), o diálogo representa as relações entre interlocutores em um momento sócio-histórico compartilhado e é sujeito a mudanças devido às variações do contexto. O diálogo bakhtiniano vai além das relações face a face e engloba toda comunicação verbal, seja ela falada ou escrita. Ainda segundo Bakhtin, toda produção linguística requer uma atitude responsiva e isso confere à linguagem o seu caráter dialógico. Para Bakhtin, era impossível pensar a língua fora da enunciação e nesse momento, o diálogo passa de uma simples relação face a face, para uma troca de ideologias que emanam do interior e da reflexão de cada indivíduo no processo de enunciação. Para Bakhtin ([1979], 2003, p. 348),

³ In: Bakhtin: dialogismo e construção do sentido.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, [1979], 2003, p. 348).

Assim como o mundo, a palavra, para Bakhtin, também é dialógica. E, mais adiante, Bakhtin (2003, p. 349) reitera o seu princípio dialógico: “O homem entra no diálogo como voz integral. Participa dele não só com seus pensamentos, mas também com seu destino, com toda a sua individualidade”.

Subjetividade e *ethos*

Embora este trabalho pretenda discutir o lugar do sujeito na escrita infantil tendo por base as ideias de Bakhtin sobre dialogismo e subjetividade, entendemos ser possível articular essas ideias à noção de *ethos* proposta por Maingueneau (1995) que, embora admita que o *ethos* seja origem de um sujeito enunciativo, discursivo e, portanto, divergente do sujeito ativo, real de Bakhtin, declara que o *ethos* está ligado ao exercício da palavra e vinculado à enunciação que implica uma relação entre corpo e discurso. Segundo Maingueneau, no artigo “*Ethos*, cenografia, incorporação”, no livro *Imagens de si no discurso*, organizado por Ruth Amossy, o *ethos* tem uma ligação importante com a enunciação, visto que esta implica uma relação entre corpo e discurso. Para ele,

É insuficiente ver a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso apenas como estatuto ou papel. Ela se manifesta também como voz e, além disso, como corpo enunciante, historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente (MAINGUENEAU, 1995, p. 70).

Quando Maingueneau se refere à voz e ao corpo, entendemos que não se trata do autor efetivo, mas sim do enunciador, ou seja, aquele que está inscrito na instância do discurso; o que há é um posicionamento discursivo do qual podemos extrair o universo de sentido que o discurso libera. As ideias apresentadas em um discurso nos remetem a uma maneira de dizer e, conseqüentemente, a uma maneira de ser; a intenção do enunciador de um texto é atrair um coenunciador aos sentidos que estão sendo veiculados. Mas isso não quer dizer que o enunciador seja o centro do discurso; é preciso, antes de tudo, que haja um lugar e um

momento próprios para a enunciação que, para o autor, seria a cena de enunciação. Vejamos o que diz Maingueneau:

O enunciador não é um ponto de origem estável que se expressaria dessa ou daquela maneira, mas é levado em conta em um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva inscrita em uma certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos[...] (MAINGUENEAU apud AMOSSY, 2005, p. 75).

Além disso, segundo Maingueneau, o ethos é mostrado no discurso através das escolhas feitas; logo, podemos pensar que a busca por indícios de subjetividade na escrita de um sujeito-criança nos leve, também, à abordagem de conceitos como ethos e intuito discursivo.

Escolhas discursivas traduzem uma subjetividade

Ao escolhermos palavras ou orações, partimos do “enunciado inteiro que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha” (BAKHTIN 2003, p. 286), logo é necessária essa noção do conjunto do enunciado, ou seja, do gênero discursivo, já que é isso que nos guia no processo do nosso discurso. Essa compreensão discursiva, que garante a possibilidade de resposta, é determinada, em termos, pela vontade discursiva do falante.

A vontade discursiva do falante é moldada ou determinada pelo gênero discursivo que se apresenta em função das condições e exigências de produção, tais como: finalidade, conteúdo, estilo, escolhas lexicais e, principalmente, a construção composicional, que inclui o acabamento e a alternância dos sujeitos.

O acabamento ou a conclusibilidade do enunciado, que garante uma resposta ou uma compreensão responsiva, é determinada, de acordo com Bakhtin (2003, p. 281), pela “exauribilidade do objeto e do sentido; pelo projeto de discurso ou vontade de discurso do falante e pelas formas típicas composicionais e de gênero do acabamento”. A exauribilidade ou exaustividade do objeto de sentido é mais comum nos gêneros de discurso de natureza padronizada como os pedidos e as ordens que não requerem um mínimo de criatividade e, também, no campo científico, em que só permite um mínimo de acabamento, visto que na ciência as respostas podem ser relativas, de acordo com os objetivos do autor definidos anteriormente. Como o propósito dessa pesquisa é investigar a relação entre dialogismo e

subjetividade na produção escrita de um sujeito-criança, torna-se necessária a abordagem sobre a vontade discursiva do falante, visto que é nesse espaço que talvez possamos determinar o momento subjetivo do enunciado.

Para Bakhtin, em todos os enunciados, desde a réplica do diálogo cotidiano até as grandes obras da ciência e da literatura, há uma intenção discursiva que, embora apresente uma individualidade e subjetividade, precisa ser adaptada a uma determinada forma de gênero. Logo, a intenção discursiva de que fala Bakhtin não se desenvolve aleatoriamente; é preciso respeitar as fronteiras da comunicação discursiva. Vejamos o que diz Bakhtin (2003, p. 283):

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN, 2003, p. 283).

As escolhas discursivas no texto de AL: a constituição de um *ethos*

O texto a seguir, produzido na 2ª série, parte de uma proposta do livro didático e sugere que o aluno escreva um texto relatando como é a sua hora de acordar. Após a leitura do poema “Sono Pesado” de Cláudio Thebas (ANEXO A), pede-se que o aluno escreva um texto, na forma escolhida por ele, contando como se sente ao ser acordado no melhor do seu sono. O espaço de produção foi a sala de aula. Para nortear o trabalho, foram dadas algumas perguntas (ANEXO B):

- A) Pense como é sua rotina de segunda a sexta-feira. Quem acorda você todos os dias?
- B) De que forma você é acordado?
- C) Como você se sente na hora de acordar?

Meu sono pesado (ANEXO C)

Todo dia minha mãe me acorda as 7 horas. Eu sofro muito, parece que tem um rinoceronte nas minhas costas. Depois tomo café da manhã, escovo os dentes, vejo tv, tomo banho almoço e vou para a escola.

É importante mencionar que AL, ao atender à proposta de trabalho, já ocupa uma posição responsiva nesse contexto de produção, uma vez que, ela, enquanto leitora, estabelece uma relação dialógica com a instância de discurso e, dessa forma, mostra-se para o outro numa ativa compreensão responsiva.

Esse outro de que falamos diz respeito ao gênero/instituição escolar que, a todo o momento, conclama o enunciador que, por ocupar uma posição institucional, vê-se interpelado pelas condições de produção inserindo-se nelas, deixando suas próprias marcas. E isso nos faz evocar Bakhtin (2003, p. 272): “toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta”. Resposta que vai conduzindo o ethos através das ideias expressas e da relação dialógica na cadeia comunicativa.

A escolha de AL por um texto de tipo narrativo pode ser um indício de que nessa idade as narrativas estão bastante presentes: a criança conta para o pai, para a mãe, para a professora e para os amigos como foi o seu dia. Essa escolha, portanto, pode ser bastante significativa, pois AL poderia escolher um poema ou uma carta.

Embora não tenhamos certeza se essa escolha traduz um estilo individual ou foi induzida pelas condições de produção, percebemos que há um trabalho desse sujeito na construção do enunciado e isso fica evidente na retomada do título do poema: de Sono Pesado para Meu Sono Pesado. AL assume a autoria do texto e por isso não hesita em usar o pronome meu no título; e, talvez essa escolha possa ser um dado singular que revele a inserção desse sujeito no enunciado. Apesar do trabalho que é feito pelo sujeito, não podemos nos esquecer do outro que, além do gênero escolar e das condições de produção, pode ser o interlocutor, nesse caso o leitor que, segundo Maingueneau (1993) é essencial para a análise do ethos, pois à medida que o discurso provoca sensações no leitor, o ethos vai se construindo. Outro dado singular é o fato de ela ser acordada pela mãe e não pelo pai, como no texto original. Apesar de a hora de acordar não ser mencionada no poema, AL afirma, em seu texto, que é acordada todos os dias às 7 horas. Outro indício de subjetividade pode estar presente na retomada da hora de ir para a escola: no poema, o personagem estuda pela manhã; no texto produzido, AL estuda à tarde. Isso pode ser conferido na seguinte passagem do texto “Meu sono pesado”: [...] tomo banho, almoço e vou para a escola.

Na primeira frase do texto, AL, sujeito da enunciação, se afirma no uso dos termos minha e me para reclamar o fato de ser acordada sempre às 7 horas, o que lhe traz muito sofrimento. E esse tom de sofrimento aponta para uma possível tradução de AL em relação ao

tom impresso no poema. O seu tom de reclamação é claro e é confirmado em *Eu sofro muito* na segunda frase e complementado pelo comentário parece que tem um rinoceronte nas minhas costas. Então, percebemos que o desejo de ficar um pouco mais na cama é explicado através da comparação com um rinoceronte.

Ao abstrair o tom impresso no poema, AL consegue fazer uma escolha que, mais uma vez, demonstra o trabalho desse sujeito com a linguagem. Ao usar a palavra rinoceronte no lugar de elefante, ela induz o leitor a associar a idéia de sono pesado a um sono difícil de ser desfeito e reitera, em seu texto, o mesmo tom do poema. O tom de lamento e sofrimento continua até que tudo muda de figura, ao iniciar a segunda parte do texto com um tom de resignação diferente do que é apresentado no poema, uma vez que o personagem do poema trava uma luta silenciosa com o pai que insiste em acordá-lo. Logo, podemos pensar que AL opera escolhas significativas que a instauram como sujeito da enunciação. Essas escolhas só são possíveis porque o sujeito enunciador tem a sua disposição o conjunto da proposta; isso coloca esse sujeito-criança em atitude responsiva ativa, já que AL opera escolhas a ponto de imprimir um tom que singulariza essa atitude.

O enunciado *parece que tem um rinoceronte nas minhas costas* pertence ao interdiscurso escolar, o qual legitima o discurso de AL, enquanto enunciador inserido nas ordens discursivas escolares, literárias. Ao mesmo tempo, o fato de textualizar dentro da norma culta, pontuando, construindo uma lógica temporal, tópica, atribuindo um título, tudo isso faz parte da inscrição do sujeito nesse discurso.

Outro dado singular que traduzimos como indício de subjetividade, no texto de AL, são as expressões que imprimem um tom emocional e avaliativo no enunciado, como podemos ver em *Eu sofro muito* e *parece que tem um rinoceronte nas minhas costas*, que nos remetem a Kerbrat-Orecchioni (1980), ao fazer o levantamento dos lugares da subjetividade, estabelece que, além dos dêiticos postulados por Benveniste [1995], os termos afetivos e os avaliativos inscrevem no enunciado o sujeito da enunciação.

Segundo Amossy (2005),

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si (AMOSSY, 2005).

No texto, *Meu sono pesado*, AL, ao escolher se colocar no discurso, utiliza pronomes e verbos em primeira pessoa para marcar a subjetividade inerente ao objeto do seu discurso; a sua inscrição no discurso dá-se por meio de uma reclamação que a coloca no espaço emocional da enunciação. Nesse espaço emocional entram em jogo a “relação valorativa” e o tom expressivo do enunciador que, segundo Bakhtin (2003), ao escolher as palavras para o enunciado, deixa-se guiar pelo tom emocional.

O enunciador, apesar de ocupar uma posição institucional, legitima o seu dizer através de um tom próprio que lhe é conferido pelas escolhas discursivas. E isso nos faz retomar Maingueneau (1995) que, nos seus estudos, defende que o ethos está ligado ao exercício da palavra e que, portanto, ele vai se constituindo à medida que o discurso está sendo enunciado; nessa enunciação o que está em jogo não é o sujeito real, mas, sim, o enunciador que vai se mostrando conforme as condições de produção.

Enquanto AL, como enunciador, marca a sua inserção no discurso, o coenunciador, para quem, ainda segundo Maingueneau (1995), o enunciado se volta, constrói uma representação a partir de indícios fornecidos pelo texto. Assim, AL, ao realizar essas escolhas, reposiciona-se subjetivamente e permite que se vá construindo um ethos de uma aluna que domina as regras básicas de escrita, as regras de textualização e é competente leitora.

Conclusão

Para Bakhtin, (1998, p. 88):

a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 1998, p. 88).

Isso quer dizer que a compreensão só vai existir na relação de intersubjetividade. E essa relação de intersubjetividade, que nos conduziu na busca de indícios de subjetividade na escrita de um sujeito-criança, colocou-nos frente a outros conceitos como: ethos, intuito discursivo, gênero e autoria. Isso se deve, talvez, ao fato de que o corpus dessa pesquisa, por ser formado de textos criativos, narrativos, portanto, artísticos, tenha nos revelado a presença da dialogicidade. Logo, escolhas discursivas, subjetividade e ethos estão intimamente ligados

e isso prova que o trabalho com a linguagem não pode deixar de lado o tom emocional, subjetivo e expressivo, principalmente porque, tratando-se de pessoas, segundo Bakhtin (2003), o que determina o enunciado é a visão de mundo do enunciador, os seus juízos de valor e as suas emoções.

E é nessa relação dialógica que o sujeito bakhtiniano se constitui discursivamente, pois ao se colocar em atitude responsiva, o enunciador mantém uma singularidade que, segundo Faraco (2006), embora o sujeito seja social, cada ser responde às suas condições objetivas de forma bastante peculiar, o que garante essa singularidade. Logo, ainda para esse autor, o sujeito é social, porque se constitui na diversidade de vozes; e é singular, porque cada relação responsiva torna-se um momento único, dependendo das condições em que é produzida.

Concluimos que AL, nesse contexto de produção, revela-se como um sujeito ativo que movimenta a sua linguagem em direção a um outro que, ao assumir a posição dialógica, interfere responsivamente e dinamicamente no discurso citado. O enunciador, ao movimentar as escolhas discursivas no contexto de produção, deixa marcas de subjetividade que resultam na construção de um estilo individual e, conseqüentemente, na constituição de um ethos.

Referências

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAIRINK-SABINSON, M. L. T. *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas, SP: Mercado de Letras – ALB, 1997.

_____. (orgs.) *Estilo e gênero na aquisição da escrita*. Campinas, SP: Komedi, 2003.

AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. [1979] Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. [1929] Trad.: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas, SP: Pontes, 1995.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2006.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad.: F. Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation: de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980.



MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes/UNICAMP, 1993.

_____. *O contexto da obra literária*. Trad.: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. "A propósito do ethos". In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.) *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

PETRY, S. E. D. *Positivo: Ensino Fundamental, 2ª série – 1º volume*. Ilustrações Ademar dos Santos [et.al.]. Curitiba: Posigraf, 2007. p. 43.

Anexo A:



Tempo de ler

Existem outras maneiras de contar histórias. Quer conhecer mais uma? Então, leia este texto:

Sono Pesado

Toca o despertador
e meu pai vem me chamar:
– Levanta, filho, levanta,
tá na hora de acordar.

Uma coisa, no entanto,
impede que eu me levante:
sentado nas minhas costas,
há um enorme elefante.

Ele tem essa mania,
todo dia vem aqui.
Senta em cima de mim,
e começa a ler gibis.

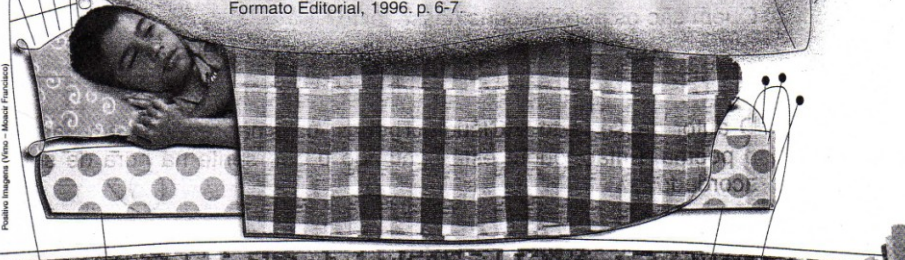
O sono, que estava bom,
fica ainda mais pesado.
Como eu posso levantar
com o bichão aí sentado?

O meu pai não vê o bicho,
deve estar ruim da vista.
Podia me deixar dormindo,
enquanto ia ao oculista...

– Espera um pouco, papai...
Não precisa ser agora.
Daqui a cinco minutos
o elefante vai embora!

Mas meu pai insiste tanto,
que eu levanto, carrancudo.
Vou pra escola, que remédio,
com o bicho nas costas e tudo!

THEBAS, Cláudio. **Amigos do peito**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1996. p. 6-7.



43

Anexo B

Para narrar como se sente uma criança ao ser acordada no melhor de seu sono, o narrador escolhido por Cláudio Thebas contou a sua história.

Você poderá fazer o mesmo sem ter de escrever em forma de versos, como fez o poeta. Primeiramente, concentre-se nestas questões:

- Pense em como é sua rotina de segunda a sexta-feira. Quem acorda você todos os dias?
- De que forma você é acordado?
- Como você se sente na hora de acordar? Use o recurso da comparação para descrever essa sensação.

Depois, escreva um texto relatando como é a sua **hora de acordar**. Você poderá inventar situações, se quiser deixar o texto mais engraçado. Faça diálogos, usando a pontuação adequada.

Quando seu texto estiver pronto e revisado por seu professor, leia-o para seus colegas.



Anexo C

